

A BIBLIOGRAFIA SOBRE A POPULAÇÃO LGBT EM CABO VERDE: pesquisa bibliográfica e direitos LGBT*

Carmem Aires dos Reis**

Carlos Eduardo Bezerra***

Resumo: Neste artigo apresentamos os resultados finais de uma pesquisa cujo assunto era a população LGBT em Cabo Verde. A pesquisa teve como tema a bibliografia produzida sobre esta população. Trata-se de uma pesquisa do tipo bibliográfica e qualitativa cuja metodologia foi a coleta de bibliografia produzida em língua portuguesa a respeito do tema. Nortearam esta pesquisa algumas perguntas que lhe serviram de problemática: existe pesquisa acadêmica sobre LGBT em África? Existe pesquisa acadêmica em língua portuguesa? Se existe, o que estas pesquisas afirmaram? Para responder a estas questões, utilizamos repositórios de textos acadêmicos e a indicação, por parte de outros pesquisadores, de bibliografia cuja análise está aqui exposta. Concluímos que a bibliografia, oriunda de pesquisas acadêmicas, existe e dá visibilidade à população LGBT cabo-verdiana, colaborando para marcar a sua existência, combater as indiferenças, os preconceitos, além de proporcionar um debate mais amplo e fundamentado a respeito da diversidade de gênero naquele país do continente africano, o que acaba por possibilitar alguma garantia de direitos humanos da população LGBT caboverdeana, que hoje se organiza em um movimento que pode ser considerado crescente.

Palavras-chave: Cabo Verde. LGBT. Pesquisa bibliográfica

Abstract: In this article we present the final results of a research whose subject was the LGBT population in Cape Verde. The research was based on the bibliography produced on this population. It is a research of the bibliographic and qualitative type whose methodology was the collection of bibliography produced in Portuguese language on the subject. Some questions that have been problematic have been put forward in this research: is there an academic research on LGBT in Africa? Is there academic research in Portuguese? If so, what did these surveys say? To answer these questions, we use repositories of academic texts and the indication, by other researchers, of bibliography whose analysis is exposed here. We conclude that the bibliography, derived from academic research, exists and gives visibility to the Cape Verdean LGBT population, collaborating to mark its existence, to combat indifference, prejudice, and to provide a broader and more reasoned debate about gender diversity in that country of the African continent, which ends up allowing some guarantee of human rights of the Cape Verdean LGBT population, which is organized in a movement that can be considered growing.

Key word: Cape Verde. LGBT. Bibliographic research.

*Artigo apresentado para obtenção de grau em Licenciatura em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

**Aluna do Curso de Licenciatura em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

***Professor orientador do Curso em Licenciatura em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

INTRODUÇÃO

Na maioria das vezes, a pesquisa bibliográfica é parte do processo de organização de uma pesquisa mais ampla e visa responder a algumas necessidades surgidas ao longo dela como a revisão de literatura a respeito do tema e a fundamentação teórica a ser seguida na sua elaboração. Neste caso, trata-se de um procedimento metodológico a respeito do qual lemos:

Pesquisa bibliográfica como um procedimento metodológico que se oferece ao pesquisador como uma possibilidade na busca de soluções para seu problema de pesquisa. Para tanto, parte da necessidade de exposição do método científico escolhido pelo pesquisador; expõe as formas de construção do desenho metodológico e a escolha dos procedimentos; e demonstra como se configura a apresentação e análise dos dados obtidos. Apresenta, também, um desenho metodológico de aproximações sucessivas, considerando que a flexibilidade na apreensão dos dados garante o movimento dialético no qual o objeto de estudo pode ser constantemente revisto (LIMA et al, 2007, p. 38).

Além disso, a pesquisa bibliográfica tem grande importância porque é utilizada em trabalhos de caráter exploratório-descritivo, uma vez que também comprova a importância de determinar e demonstrar o método e os processos metodológicos como coleta de dados, a interpretação destes, etc. A respeito, mais uma vez, lemos que:

A pesquisa bibliográfica tem sido um procedimento bastante utilizado nos trabalhos de caráter exploratório-descritivo, reafirma-se a importância de definir e de expor com clareza o método e os procedimentos metodológicos (tipo de pesquisa, universo delimitado, instrumento de coleta de dados) que envolverão a sua execução, detalhando as fontes, de modo a apresentar as lentes que guiaram todo o processo de investigação e de análise da proposta (LIMA ET AL: 2007, p.39).

Na pesquisa que realizamos, diferentemente do exposto acima, a bibliografia foi tratada com o valor de fonte ou documento, uma vez que ela tem na bibliografia a sua fonte principal, daí considerarmos que ela também é documental, ou seja, a bibliografia é a fonte ou o documento de pesquisa aqui entendido como principal. A pesquisa documental tem grande importância porque é uma forma metodológico-deliberativa em Ciências Humanas e Sociais, ao tratar das fontes escritas ou dados do trabalho pesquisado. Como afirmam SILVA et al, “A pesquisa documental é um procedimento metodológico decisivo em ciências humanas e sociais porque a maior parte das fontes escritas – ou não – são quase sempre a base do trabalho de investigação.” (2009, p.13). Ressaltaram ainda os autores que a pesquisa documental, bem como outros tipos de pesquisa, propõe-se a produzir novos conhecimentos, criar novas formas de compreender os fenômenos e dar a conhecer a forma como estes têm

sido desenvolvidos (2009 p.14) como é o caso do que estamos aqui propondo, ou seja, a utilização da bibliografia para dar a conhecer ao público a respeito da população LGBT de Cabo Verde. Para Pizziani et al, a pesquisa bibliográfica assume importância fundamental, impulsionando o aprendizado, o amadurecimento, os avanços e as novas descobertas nas diferentes áreas do conhecimento (2012, p. 56).

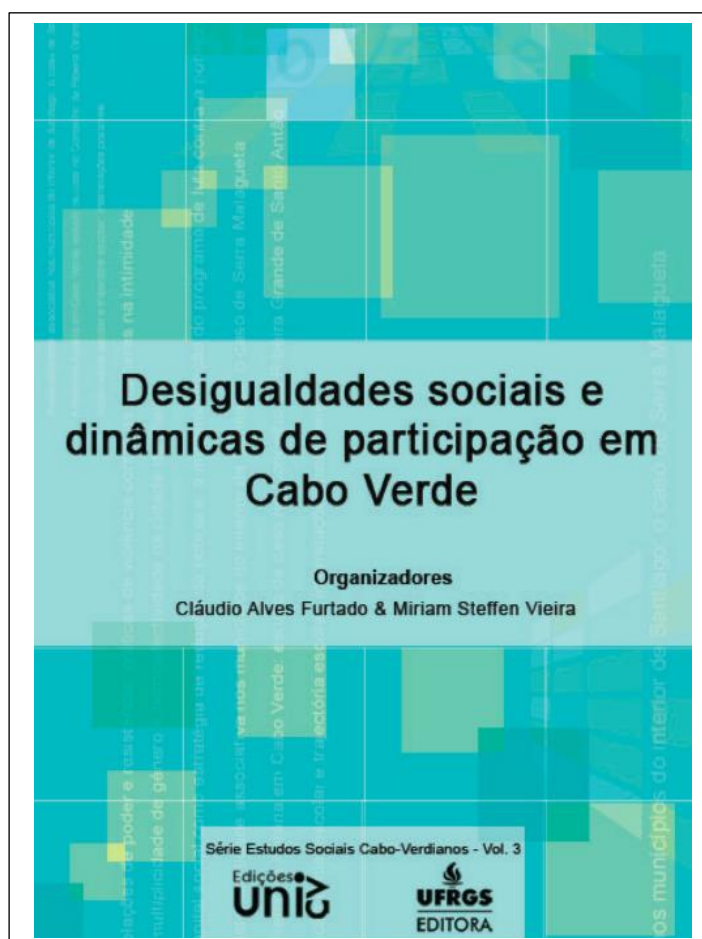
Aqui, diferenciamos a revisão de literatura da pesquisa documental, uma vez que a revisão de literatura é um pré-requisito para a realização de toda e qualquer pesquisa, ao passo que a pesquisa bibliográfica é uma etapa fundamental antes da elaboração ou desenvolvimento de um estudo, artigo, tese ou dissertação (PIZZANI LUCIANA et al 2012, p. 64) ou é, ela mesma, a bibliografia, o objeto em si da pesquisa. Assim, feita a pesquisa constatamos alguns textos e autores em língua portuguesa que tratam a respeito do tema e do recorte selecionados. De um modo geral, o artigo “Raízes históricas da homossexualidade no Atlântico Lusófono Negro”, de Luiz Mott (2005), nos pareceu o primeiro a tratar das homossexualidades no continente africano e também dentro do recorte da lusofonia. Nele, Mott tratou do “mito da inexistência da homossexualidade na África”, da “Presença da homossexualidade na África pré-colonial” e “Homossexualidade na África Colonial”. Ainda que Mott tenha sido contestado pelo fato de tratar “quimbanda” como sinônimo de homossexual, o mesmo Mott se defende com argumentos fundamentados em bibliografia da época como é possível constatar em seu artigo intitulado “Um caso de homofobia negra”¹ (1995). No presente artigo, não nos deteremos minuciosamente no texto de Mott, porém sem deixar de reconhecer o seu papel neste tema, mas em textos produzidos, mais recentemente, sobre o tema aqui evidenciado, considerando que se tratam de pesquisadores também africanos ou brasileiros com pesquisa realizada em Cabo Verde sobre a população LGBT contemporânea, pois nos interessa, também, o atual momento, considerando que nele, cada vez mais, a população LGBT se organiza em torno de associações, grupos, etc. constituindo um movimento internacional. Dito isso, passamos a parte seguinte do artigo na qual apresentamos os resultados obtidos.

¹ Disponível em: <https://goo.gl/nNrSKN> Acessado em 30.03.2019

A BIBLIOGRAFIA SOBRE A POPULAÇÃO LGBT EM CABO VERDE: RESULTADOS

Como afirmamos na introdução deste artigo, apresentamos aqui os resultados finais da pesquisa quanto à bibliografia existente a respeito da população LGBT em Cabo Verde. Portanto, trata-se de uma pesquisa que se apoiou na revisão de literatura para além do seu uso habitual, ou seja, do conhecimento a respeito do que, historicamente, vem sendo produzido a propósito de um tema, mas que a tornou em objeto de pesquisa. Dito isto, passo à análise do primeiro texto.

HOMOAFFECTIVIDADE E AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA CIDADE DE PRAIA, DE CLÁUDIA RODRIGUES



Capa do livro *Desigualdades sociais e dinâmicas de participação em Cabo Verde* no qual se encontra o artigo “A multiplicidade de gênero e homoafectividade na cidade da Praia”, de Cláudia Sofia Marques Rodrigues. Disponível em: <https://goo.gl/RE8GXa> Acessado em 01.04.2019

Originalmente, trata-se de uma dissertação do mestrado cujo título é *Homoafectividade e as relações de gênero na Cidade de Praia*, de Cláudia Sofia Marques Rodrigues, defendida em dezembro de 2015 no Mestrado em Ciências Sociais da Universidade de Cabo Verde (UniCV), e que discutiu a questão e a problemática do binarismo sexual entre Homem e Mulher e a Homoafectividade como consta no título da dissertação. Esta forma homogênea de qualificar e categorizar a sociedade constituiu o elemento central da discussão para a autora. O texto que analisamos se encontra 3º. Volume da coletânea de artigos intitulada *Desigualdades sociais e dinâmicas da participação em Cabo Verde*, que compõe a Série de Estudos Sociais Cabo-Verdianos, publicado em parceria da UniCV e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Nesse âmbito, porém, sobre a homoafectividade, termo que a autora preferiu usar, Rodrigues considera que até nos anos 1980 e 1990 as discussões sobre o gênero baseiavam-se essencialmente na heteronormatividade, ou seja, nas categorias homem e mulher heterossexuais apenas. Assim, a autora se lança ao desafio de discutir essas questões que, se houvessem, até então se limitavam as abordagens superficiais e de simplórias explicações com uma certa proximidade das explicações biológicas, moralistas e deterministas. Ao iniciar a discussão, a autora demonstrou o desejo que tinha de começar a fazer a sua discussão a partir de categoria homerótico em contrapartida à categoria homossexual, mas acabou por optar, como dito acima, pela categoria homoafectivo por conta da maioria dos nativos terem optado por essa categoria pois tem se resumido a categoria homerótico apenas ao desejo sexual nem sempre ao desejo afetivo. Ainda segundo a autora, é preciso alargar mais o sentido das relações entre as pessoas do mesmo sexo, pois o que os une vai muito além do desejo sexual, uma vez que envolve sentimentos, afetividade, etc.

Seguindo esta senda da desnaturalização, como, por exemplo, não olhar para as relações homoafectivas como um comportamento desviante ou fora de padrão e em certos casos anômalas, esta questão constitui um dos elementos e motivação da escolha do tema pela autora que a usou em sua estratégia do trabalho. Inicialmente, como forma de atingir o seu principal objetivo e apreender o real social que lhe interessava, como salienta ela, fazendo uso de categorias como gays, lésbicas e travestis, ela convoca a atenção para o seguinte: não irá fazer uso desses conceitos como dados e prontos. Ainda salienta que, sendo a identidade múltipla e vária, como gênero, etnia, raça, etc. todas as formas de identidades são excludentes pois suplantam outras formas de manifestações possíveis.

Discutindo sobre a teoria *queer*, a autora busca explicar como essa teoria funciona de forma a não criar equívocos em volta das questões da sexualidade e por entrar em debate e discussão com conceito dados. Ao fazer o trabalho que agora descrevemos, a autora explicou como foi um pouco complicado fazer certas discussões por conta de algumas questões como: sua posição política, as discussões teóricas que se fez então, os olhares e entendimentos diversos dos seus ex-professores do Porto e os então da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sediada no Brasil. Enfim, explicou as abordagens metodológicas e epistêmicas para construção do seu trabalho.

Ao problematizar o gênero, a autora faz uma longa e detalhada discussão sobre o que foi e vem sendo gênero ao longo dos tempos. Falou da trajetória das mulheres nas sociedades patriarcais onde a elas eram guardadas as funções domésticas e por vezes equiparadas à condição de escravizadas quando se olha para antiga Grécia onde o próprio conceito de cidadão teve origem. Nesta sociedade, com lembra a autora, as mulheres não podiam exercer os direitos na *polis*, pois eram afastadas de tudo por serem consideradas seres inferiores e frágeis ao demasiado para ocupar cargos como os homens.

Segundo Rodrigues, Platão, filósofo que viveu neste período, foi mais enfático ao afirmar que as mulheres eram a reencarnação dos homens covardes. Aristóteles, por seu turno, também desferiu graves ataques as mulheres ao afirmar que, sendo mulher é mais permeável à inveja, chora com mais facilidade, lamuria, etc. Eram concepções tão fortes e infundadas sobre as mulheres que deixavam indiscutível a sua exclusão social e política. Séculos depois, as teorias de correntes marxistas vão abordar esta questão a partir das sociedades mais primitivas, retomando o fim do nomadismo e o início da divisão social do trabalho. Esta forma de organização social do trabalho, constitui, para essa corrente, a base da discriminação social da mulher, pois aos homens eram reservadas atividades que exigiam mais força física e ao passo que para as mulheres foram reservadas atividades que demandasse menos força física como, por exemplo, cuidar das crianças e da vida doméstica. Esta forma peculiar de olhar para a mulher acabou por determinar muitas coisas no sentido de obstinar as mulheres aos papéis considerados de pouca relevância social. O capitalismo veio intensificar essa questão à medida que emprega apenas os homens em funções e cargos considerados estratégicos.

Segundo a autora da dissertação em análise, nos anos 1980 e nos tempos que se seguiram, o mundo, principalmente o Ocidente, deu início as discussões sobre a sexualidade. O mundo acadêmico e científico começava a entrar em confronto com os interesses da burguesia e sobre uma concepção psiquiátrica. O livro de Michel Foucault – *História da*

sexualidade – foi um marco no início dessa discussão e ruptura epistemológica. Rodrigues também analisou a colaboração de Welzer ao debate, pois, na sua ótica, Welzer faz uma discussão sobre normatização de formas e características sexuais. Esta forma acaba por estabelecer as relações e laços dentro das sociedades atuais. O heterossexismo, como conceito normativo, é tido para Welzer como uma das formas discriminatórias e de opressão baseada na orientação sexual. A estigmatização dos que querem e sentem atração por pessoas do mesmo sexo acaba por considera-los como anormais ou que tem um comportamento desviante da sociedade e do que foi padronizado por ela. Sendo assim, são visões padronistas que tiveram origem nas sociedades mais antigas, mas que vem sendo resignificadas nos dias atuais. Do contrário, busca-se fazer acreditar que, homem deve-se interacionar com mulher e fora a isto é tido como desvio.

Este poder que a autora identifica de dois sujeitos figurados acima é surpreendente e vale a pena debater para confirmar sua realidade, ou seja, não é um acontecimento escondido que não funciona nas comunidades onde os homens dominam de forma coletiva e individual também. Para ela, esta dominação só foi possível por conta de séculos e séculos que a sociedade antiga, medieval e moderna vem mantendo as normas sociais e, sobretudo, com base na divisão social do trabalho.

Após tratar destas questões, a autora traz relatos de histórias homoafectivas na cidade de Praia, ou na sociedade praiense, como ela sustenta, chegando ao cerne de sua pesquisa, o que muito nos interessa por desvelar o contexto local das relações homoafectivas. São faces e interfaces das pessoas do mesmo sexo que se relacionam de maneira afectiva, apesar dos constrangimentos locais por conta da realidade duma sociedade ainda paternalista, que acaba por tornar ainda dificultoso o processo de abertura e manifestação das suas sexualidades. Rodrigues trouxe a experiência de Joana e Maria, ambos pseudônimos, que muito embora não sentiram o mesmo desejo de uma relação homoafectiva na mesma faixa da sua idade, mas acabaram por escolher assumir aquilo que são e sentem de verdade contrapondo assim à lógica essencialista e binária. Segundo a autora, Joana ainda acrescentou que, a sociedade praiense, por ser uma sociedade pequena, é talhada a murmúrios (fofocas), isto por conta da realidade acima exposta. Ao falar sobre a possibilidade de criar um movimento social na cidade de Praia, esta possibilidade é pouca porque a maioria das pessoas, por conta duma certa hipocrisia, como disse a lésbica Joana, não querem assumir o movimento muito embora saberem da tal necessidade. Mas, o que muitos na verdade temem é para não serem julgados como normalmente acontece. Destaque-se, porém, que já existe movimento LGBT organizado

em Cabo Verde e, especialmente, na cidade da Praia, como a Associação Gay Cabo Verdeana e o movimento Livres e Iguais, este de abrangência em todo o país.

Ainda nas conversas que a autora manteve com o casal, elas explicam que existem níveis de tratamentos que podem machucar. Por exemplo, já não se preocupam quando de vez em quando vem-lhes um tratamento indigno das massas, pois isso é tido como algo “normal” em uma sociedade preconceituosa, mas quando o destratamento vem das pessoas próximas isto sim machuca bastante, frisou Maria. Ambas concordam que, a relação no seio da família é mais delicada, que nem sempre é fácil esse relacionamento quando se tem a realidade homoafectiva dentro de uma família tradicional e em uma sociedade também tradicional. A autora explicou que por Joana ter uma família mais poderosa que Maria, e assim acaba tendo mais facilidade e lidando com tudo isto, o que lhe deixa em total tranquilidade em relação a sua sexualidade.

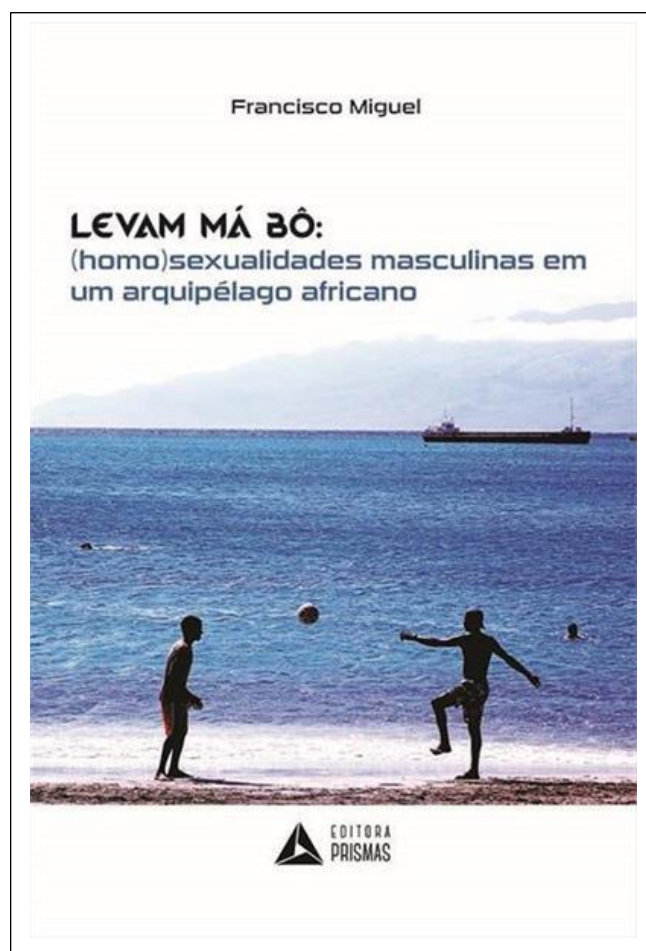
A autora também conversou com um casal de gays, Apolo e Adónis, ambos cidadãos de Praia. Este casal, para a autora, principalmente Apolo, vive a sua sexualidade de maneira aberta e sem grandes preocupações com Adónis. Assim como eles, muitas pessoas, homens, da elite cabo-verdiana, gostam de homens, mas buscam manter isso em sigilo. Para o casal, desde muito cedo já havia uma certa fantasia com relação ao sentimento, mas os dois começaram como todos os homens, convencionalmente, tendo casos heterossexuais. Apenas tempos depois, na faixa dos 20 anos de idade é que iniciaram o processo de relação gay, ou, melhor homoafectiva.

Ao abordar a cidade de Praia, a autora percebeu através das entrevistas e observação, que, a maior dificuldade tem a ver com aceitação do relacionamento homoafectivo, uma vez que a restrição e espaço é forte e assim o casal acaba por escolher, de maneira seletiva, os lugares e espaços para manifestação da sua sexualidade. Para Apolo, existe sim um certo fechamento por parte da família, mas, por vezes, são as próprias pessoas que fecham-se as famílias, explicando sua experiência ele contou como foi para ele de início complicado confrontar isso com a sua família. Mas, quando contou em primeira mão para seu irmão, ele reagiu com muita naturalidade e foi assim explicando e contando para o resto da família. Caso que acreditamos ser uma das raras exceções.

Todos os relatos aqui expostos, que na obra a autora colocou de maneira mais profunda, demonstram os avanços e, ainda, os desafios que a sociedade de Praia tem pela frente no tocante à diversidade sexual. No caso específico, da sociedade praiense, nota-se um certo avanço se comparado as outras realidades no mundo lusoafriano. Ainda há resistência,

fechamento, estigma, mas também existe, ainda que tímida, uma certa aceitação e abertura por parte de muitos que compreenderam que não dá para fechar os olhos perante uma realidade objectiva. Feita esta leitura, ainda que breve da pesquisa de Claudia Rodrigues, passamos a mais uma pesquisa: a de Francisco Miguel

LEVAM MÁ BÔ: (HOMO)SEXUALIDADES MASCULINAS EM UM ARQUIPÉLAGO AFRICANO



Livro resultado da dissertação de mestrado de Francisco Paolo Vieira Miguel
Disponível em: http://dan.unb.br/images/doc/Dissertacao_315.pdf
Acessado em 01.04.2019

Levam Má Bô: (homo)sexualidade masculinas em um arquipélago africano, de Francisco Miguel, é um livro também resultado de dissertação de mestrado intitulada *Levam Má Bô: (homo)sexualidade entre os sampadjudus da Ilha de São Vicente de Cabo Verde*,

defendida em 2014 na Universidade de Brasília (UnB)². Verifica-se desde o início que a pesquisa se concentrou em uma das dez ilhas do arquipélago, a Ilha de São Vicente, localizada mais precisamente entre as ilhas do grupo do barlavento, portanto, se juntada à pesquisa de Rodrigues exposta anteriormente, que se dedicou à cidade da Praia, capital do país, situada na Ilha de Santiago, no conjunto de ilhas do sotavento, a junção pode nos dar um quadro mais complexo da população LGBT em Cabo Verde. Para melhor compreensão da localização das ilhas citadas, segue o mapa abaixo:



Mapa com as ilhas do barlavento e do sotavento

Fonte: www.insp.gov.cv

Miguel evidencia a existência dos homossexuais em alguns países do continente africano, contexto que as mídias brasileiras não acompanham diariamente porque, segundo ele, se acompanhassem as reportagens da África diariamente vai-se saber que a homossexualidade existe em alguns países africanos como em Cabo Verde, Nigéria, Uganda, Malawi e outras países que não foram detectados publicamente no livro e nas redes sócias. Se as mídias brasileiras pesquisasse como o fez Luiz Mott, já aqui citado, segundo quem ainda é possível afirmar que hoje existe uma lacuna da academia brasileira em relação a homossexuais em África, pois, ainda segundo ele, a “homossexualidade é [entendida] como pratica exógena

² Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/18107> Acessado em 01.04.2019

à tradição africana, desconsiderando as supostas evidências do contrário.” (Mott, 2005) [acréscimo nosso].

Na percepção de Kaoma, (Kaoma, 2009 Apud Miguel 2016, p. 39) percebemos que a negação da homossexualidade em África vem sendo explicada por um lado pela recente e forte influência que os cristãos neopentecostais norte-americanos têm exercido no continente, por outro lado, a ressonância desse discurso se faria não por uma “homofobia inata” do africano, mas pela associação simbólica entre “homossexualidade” e uma crítica latente ao Ocidente.

Há registros de que a homossexualidade existe em quase todos os países da África, porém há muitas críticas a respeito em algumas sociedades africanas que não permitem mostrar claramente a homossexualidade. Em Uganda, Carolina Tushabe (2013) fazia críticas fortes a respeito do movimento LGBT em África com intuito de afirmar que não existia homossexuais naquele continente e nem dá a importância para eles na sociedade, pois, segundo Miguel, mostra ainda que: “A identidade homossexual, contra posta a heterossexual, fora imposta pelos impérios coloniais já criminalizável e que não corresponderia as experiências indígenas nativas.” (TUSHABE, 2013 apud MIGUEL, 2016, p. 40).

Miguel (2016) ainda mostra que a mesma pesquisadora que fazia críticas fortes a respeito dos homossexuais em África relata um pouco a respeito da história do povo de Uganda e mais especificamente sobre o *ebihinde* que a avó dela tinha contado na infância sobre a transformação de um povo para outro povo na zona onde ela foi criada:

Ebindi são as pessoas que transmitem de uma forma de ser em outra. Na aldeia em que fui criado existia uma árvore preta de pântano chamada omusisa. O mito explica que a noite os ebihindi se reúnem sob a música e fazem fogo, dançam e mudam de macho, e no conjunto de quatro partes constituais por quarto de cada. No amanhecer, os ebihindi revertem seu ser e se reintegram na comunidade. A ética do mito é que existem possibilidades de ser e que nós devemos respeitar a existência dessa diferença. Também há a noção de que as pessoas sabem o que saber não querer acusação ou discussão pública [...] ao ouvir este mito, eu encontrei um lar sólido, dentro da comunidade o mito proporcionou para mim um lugar de pertencimento, um espaço de autoconhecimento e sentimento para minha existência na comunidade, porque meus desejos e diferenças eram articulados na cosmologia da minha cultura” (Tushabe, 2013: 152, Apud. MIGUEL, 2016, p. 40).

O autor mostra ainda a situação de Gana onde a quem os ganeses chamam de homossexual não corresponde com os LGBT nos outros países, sobretudo do Ocidente, como afirmam o pesquisador Kthleen O’Mara “O que chamaríamos de “homossexualidade’ teria

mais a ver com um parceiro ou com uma experiência específica e não propriamente com identidade”. (2013, p. 41). Os homossexuais em África, com a chegada dos europeus, passaram por alguns sofrimentos, o que faz com que não se possa dizer que não havia homossexualidade ou algum comportamento similar, como comprovam alguns pesquisadores, entre eles Luiz Mott, sobre quem Francisco afirmou: “Para o antropólogo Luís Mott, que advoga pela comprovação da existência do homoerotismo através de registro históricos, a ‘homossexualidade nativa’ África teria sofrido um incremento e ‘diversificação, mestiçagem cultural’ com a chegada do europeu.” (2016, p. 41).

Em alguns países da África considera-se que a homossexualidade é um crime como no caso de Mauritânia, Marrocos etc. Mas, como afirmou Miguel, o antropólogo “Sephem Murraay (1990) acrescenta que a homossexualidade era encarada como: ‘Remédio para o bem-estar que seria transmitido passivamente no intercurso sexual anal.’”(MURRAY, 1990, p. 23 apud MIGUEL, Francisco, 2016, p. 47) Ainda segundo Miguel, Morray (1990) afirma que “homossexualidade seria comum entre os jovens Hutu e Tutsi no antigo reino de Ruanda, especialmente entre últimos, quando teremos na corte.” (MIGUEL FRANCISCO, 2016, p.48)

Ao longo da história dos homossexuais, o autor mostra também que religião não podia proibir as relações homossexuais 100% nos países de África, porque existe várias formas, ou seja, vias que os homossexuais podiam se relacionar como afirma Greenberg (1988, apud Miguel Francisco, 2016, p. 49). No seu trabalho ainda disse que: “Neil que durante os períodos em que religião proíbe a “relação sexual heterossexual”, chefes Mossi, em Burkina teriam relações “sexuais com rapazes adolescentes.” Dito isso passamos à análise de um dos capítulos do livro, cuja abordagem se concentra na análise contemporânea das homossexualidades em Cabo Verde.

Mais ou menos africanos: O velho dilema nacional na experiência dos gays Sampadjus.

Nesse capítulo o autor mostra a situação de criminalização que ocorre na ilha de São Vicente, em Cabo Verde. São Vicente é uma ilha que foi descoberta em meados de 1781 onde existe vários homossexuais e nessa ilha tem algumas pessoas que gostam deles e tem também um grupos de certas pessoas que não gostam como no caso de Didi e Cesar, o Didi adora os homossexuais mais acontece que o Cesar não gosta por conta de amor que eles fazem rápido: “Didi disse brincando que eu se fosse com aquele “badiu” eu nunca mais ia querer sair de Cabo-Verde. Cesar, por outro lado disse que não gosta dos “badiu” apesar de ter conhecido

uns lindos, mais porque os homens de Santiago ‘fodem que nem máquina’ ele não gosta.” (FRANCISCO, 2016, p. 96). O autor mostra ainda a existência de uma boate em Cabo Verde: a Caravela onde tocam músicas africanas, batidas eletrônicas e alguns gays dançam no meio daquela boate que organiza um evento com tema “Nego Gato” e depois faziam seleção para os candidatos gays que estão interessados para participarem no concurso de beleza. Montaram dentro da casa noturna uma passarela no nível do chão, em que passam os rapazes um de cada vez, exibindo seus atributos físicos com ajuda da narração de um apresentador. Assim no meio da festa, a música para e o concurso começa. É um frenesi geral, tanto dos outros rapazes que lá estão, quanto das moças. Segundo Miguel, “Vi ocorrer duas ou três etapas do tal concurso.” Faz-se notório que um dos trajes que os rapazes desfilaram em uma das apresentações que assisti era o de “indígena africano”: de tanga, adereços rústicos e pinturas tribais no rosto e no corpo.

Miguel narra ainda que um jovem de 28 anos de nome Didi de nacionalidade angolana sofreu espancamento na cidade Mindelo, apontou tudo que foi acontecido no local num diário (jornal impresso). Depois do regresso dele para o país de origem, ele relatou tudo sobre o acontecimento para que as outras pessoas saibam que eles não são as primeiras pessoas que foram espancados na cidade de Mindelo:

Eu já fui vítima também de violência física que é uma coisa mesmo muito pouco muito raro. Nem existe uma estatística, não existe. Eu já fui vítima de violência e não entendi muito bem, mais sei o que não consegue... não processei muito bem. Mas depois, eu já fui...

Na rua?

Na rua! Eu tinha acabado de chegar de Angola de Luanda, tinha saído com Elo. E...Tinha saído com uma amiga, minha colega de teatro, não? Bebi muito naquela noite. Acabei encontrando o Elzo com umas... alguns travestis. Ne? Normalmente, não é o meu ambiente. Mas acabei... Não gostar que tenha a ver. Não tem nada a ver com eles. Mais eu sei e continua o depoimento, contando que um grupo de rapazes estava lhe manando uma bocas na rua, então chega num ponto que a gente acabou por chamar a polícia ne? Veio o carro da polícia que falou com eles, tirou o número, o nome deles. Mas eu acho que a polícia se esqueceu de mandar eles. Para casa. Eles ficaram nas redondezas. Houve um bate-boca né? Com eles. Eu tive um bate-boca direto com um, como o que veio me agradece. Então quando a gente estava vindo para eles iam me deixar no ponto e iam seguir, viram como o carro e ... pegou de uma garrafa de vidro, de cerveja süber book e partiu nós nossos pés. E os estilhaços voarem para cima e um me atingiu aqui mesmo. E fui pro hospital, levei ponto e não sei o que todo esse drama. No supercilio? Exatamente Eu. Fique... quase que perder o olho. (Entrevista Didi, Mindelo, 26/09/ 2013. Apud. MIGUEL: 2016, p.120)

Ao longo dessa história, o autor mostra que os espancamentos dos gays em Cabo Verde são amplos, pois os LGBT sofrem com espancamento demais. Didi não é a única pessoa que foi espancado em Cabo Verde onde há várias pessoas que sofreram espancamento. Segundo Miguel, Leandro é uns dos elementos que também sofreu espancamento em 2013 no momento que ele estava de saída no local do treinamento:

Sáímos do ensaio. Viramos na... pela rua má estes rapazes já tinham começado a insultar-nos lá no ensaio seguiram-nos, vieram[?] sacar pedra na mão... jogaram uma pedra? Exato. E sua atitude foi sair e ir embora? Sair e ir embora? (Entrevista Leandro, Mindelo 26/09/2013. Apud. MIGUEL, p.102).

Leandro é um jovem de 29 anos, que nunca saiu do arquipélago, mas sofreu um espancamento. Na entrevista que ele teve com Miguel relatou tudo o que sofreu, ou seja, o que sente sobre descriminalização a respeito dos homossexuais na cidade de Mindelo:

Então você acha que existe realmente preconceito, que existe homofobia nessa sociedade? Existi. É só não é muito barbarizada como tenho visto em outros países. Tipo na África continental, coisas nem de se ver no Brasil também, infelizmente... infelizmente. Aqui ainda não temos casos extrema, não temos. Acho imprecisamente aquelas boquinhas ao ar, ao vento. Má já... Muitos dizem essas palavras pra... para chamar a atenção. (Entrevista Leandro, Mindelo, 26/09/2013. Apud. MIGUEL, p.103)

O autor mostra a existência da Associação Gays Cabo-verdiana (AGC) que é composta por diferentes militantes, de diferentes origens sociais e foi fundada em 2013 por uma travesti que estava na Itália e regressou para Cabo Verde. Essa é a primeira associação gay local com um registro formal perante o governo cabo-verdiano. A associação recebe apoio humano e financiamento de organizações internacionais no caso da Espanha, da Fundação Triângulo, que sempre luta pelos direitos de homossexuais na América Latina e na África. Mas ainda assim a violência contra a população LGBT ocorrem sempre. Ao concluir, o autor quis mostrar nesse capítulo a situação que ocorre na ilha de São Vicente e que no continente africano a rejeição aos homossexuais, porém a Associação Gay Cabo Verdiana está a lutar contra a descriminalização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo procurei apresentar uma pesquisa bibliográfica sobre a população LGBT cabo-verdiana e sobre o seu movimento LGBT, mostrando através da bibliografia a existência

dos homossexuais na cidade de Praia, capital daquele arquipélago, bem como os desafios enfrentados a respeito da dificuldade de liberdade, do enfrentamento de preconceitos, da intervenção da religião naquela sociedade. Cabo Verde foi o primeiro país africano a aderir à *Equal Rights Coalition*³, atualmanete formada por 35 países, e à campanha Livres e Iguais, desenvolvida pela Organização das Nações Unidas (ONU)⁴, coordenada por Samory Araújo. Cabo Verde conta também com o Instituto Cabo-verdiano para a Igualdade e Equidade de Género (ICIEG), presidido por Rosana Almeida. Mais recentemente, o país incluiu na sua plataforma de controle de fronteiras a opção “não especificado” para gênero, além das opções masculino e feminino já existentes, o que denota um avanço das discussões sobre gênero naquele país, inclusive ao nível das políticas públicas nacionais⁵.

Hoje, há no país algumas associações LGBT, porém o casamento entre as pessoas do mesmo sexo ainda não é permitido, diferentemente da África do Sul, primeiro país africano a permiti-lo, sendo este também o local de refúgio de pessoas LGBT em África que se sintam ameaçadas de morte devido a sua orientação sexual e identidade de gênero. Nestas considerações finais a respeito da pesquisa bibliográfica, consideramos que as pessoas LGBT, assim auto denominadas inclusive em redes sociais, existem, e a bibliografia analisada é uma forma de lhes dar visibilidade, inclusive institucional, uma vez que foram realizadas em âmbito universitário, colaborando para marcar, além da sua existência, a necessidade de proporcionar um debate mais amplo e fundamentado a respeito da diversidade de gênero naquele país do continente africano, o que acaba por possibilitar alguma garantia de direitos humanos da população LGBT cabo-verdiana, que se organiza em um movimento que pode ser considerado crescente. Portanto, não se trata mais de discutir a existência ou não de pessoas LGBT em Cabo Verde, trata-se de ir além e para isso as pesquisas acadêmicas têm muito a contribuir.

³ Conferir em: <https://expressodasilhas.cv/pais/2018/08/18/cabo-verde-reforca-presenca-na-equal-rights-coalition-pelos-direitos-lgbti/59621> Acessado em 01/04/2019

⁴ Conferir em: <https://dezanove.blogs.sapo.pt/cabo-verde-e-o-primeiro-pais-africano-a-874783> Acessado em: 01/04/2019

⁵ Conferir em: <https://noticias.sapo.cv/actualidade/artigos/cabo-verde-introduz-opcao-de-sexo-nao-especificado-na-plataforma-de-controlo-das-fronteiras> Acessado em 01/04/2019

REFERÊNCIAS

LIMA, Telma Cristiane de Sasso et al. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Katál.**, Florianópolis, v. 10 n. esp., p. 37-45, 2007.

SILVA, Jakson Ronie Sá et al. **Pesquisa documental:** pistas teóricas e metodológicas. Ano I, Número I, jul. 2009.

PIZZANI, Luciana et al. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. In: **Revista Digital da Biblioteca de Ciências da Informação**, Unicamp, Campinas, SP, v.10, n.1, p.53-66, jul./dez. 2012.

RODRIGUES CLÁUDIA. **A homoafectividade e as relações de gênero na Cidade da Praia.** S/D. Disponível em:
http://www.unicv.edu.cv/images/stories/EdicoesUniCV/desigualdades_sociais_e_dinamicas_de_participacao_em_cabo_verde.pdf Acesso em: 01 abr. 2019.

MIGUEL, Francisco. **Levam má bâ:** (homo) sexualidades masculinas em um arquipélago africano. Curitiba: Prismas, 2016.